

SINCRETISMO RELIGIOSO AFRICANO E BRASILEIRO: NOTAS DE UMA VIAGEM AO TOGO E AO BENIN

Sebastião Heber Vieira Costa O.S.B.

Começo a escrever estas notas no avião que me conduz de Zurique a Lomé, capital do Togo. Minha viagem a este país e ao Benin tem por objetivo comparar o sincretismo religioso brasileiro com o africano. Foi justamente do Togo e do Benin que partiu a maior parte dos escravos destinados ao Brasil. Já no avião começo a conhecer africanos do Togo que vão passar as férias na terra natal. Um deles é da família Silveira e me diz que seu bisavô foi escravo no Brasil. O avião faz uma escala em Alger, onde a paisagem é tão árida como a do nosso Nordeste. Depois vem a travessia do Saara, que dura uma hora. Do alto podemos ver como os oásis são um presente da natureza às caravanas.

Chego a Lomé após quase um dia de viagem. Hospedo-me com os Padres Combonianos, em sua missão de Kodzoviakopé, perto do centro da cidade e a 300 metros da fronteira com Ghana. No dia seguinte, encontro dois monges beneditinos que vieram a Lomé para compras e me convidam a visitar seu mosteiro, que se chama Dzobegan e fica a 160 km e num rico planalto de 850 metros de altitude. Levamos quatro horas para chegar, devido à longa subida e ao excesso de peso na viatura.

A comunidade se compõe de 40 monges, sendo seis franceses, provenientes do conhecido mosteiro de En-Calcat, onde se canta um excelente Gregoriano gravado em discos comercializados. As vocações africanas são muitas: seis professores solenes, seis professores simples, 18 noviços, vários postulantes e candidatos. O mosteiro é belíssimo, apesar de muito simples. Há uma grande hospedaria, que deve ser aumentada por causa da demanda. A igreja parece uma grande palhoça e o altar é um grande bloco de pedra local. Nos bancos, esculturas africanas. Os officios são

bem cantados e, às vezes, ritmados com tambores (aqui denominados tam-tam) e uma espécie de violão, chamado korá, proveniente do Senegal. Formando um semicírculo atrás da igreja está o mosteiro; em outro bloco estão a cozinha e o refeitório, utilizado também pelos hóspedes. Esse planalto é bastante fértil; lá é cultivado o café, principal meio de vida do mosteiro, assim como mandioca, milho, mamão, maracujá, manga, jaca, há também uma vacaria, criação de coelhos e galinha. O mosteiro organizou também um dispensário para velar pela saúde da população vizinha. Para beber foi aproveitado um curso d'água, que passa vizinho, foi feita uma pequena barragem com sistema de filtragem. Para a construção do mosteiro foram aproveitadas as pedras da região. Cada cela tem um pequeno terraço que dá para o jardim externo, e onde se pode ler olhando a natureza. Nesse mosteiro a pessoa se sente no Brasil, pois além dos produtos já citados, come-se normalmente feijão e farinha.

Aproveito para conversar com os monges africanos, e cada um é um mundo novo que se descobre, pois há aqueles que se converteram ao cristianismo depois de adultos e que a família permanece ligada aos cultos tradicionais, outros que vêm de família polígama (38 irmãos e o pai teve ou ainda tem duas ou três esposas). Com eles escuto e descubro as particularidades da religião africana, pois viveram na pele essa experiência social e religiosa. No Togo há mais de 35 etnias, cada uma com sua língua, mas para efeito de comunicação o governo adotou, além do francês, duas outras línguas: o Ewe no sul e o Kabiye no norte. Um dos monges me fala que a importância da Iniciação é tal que a pessoa só se considera plenamente homem ou mulher, depois que passa por essa experiência. Ele me fala de um culto especial a uma divindade das águas chamada Mami-Watá; é um culto independente do vodu, que é o culto principal. Essa divindade quando aparece a um homem tem forma de mulher e vice-versa, e veste-se de branco. No dia de sua festa, reúne-se grande multidão, e as sacerdotisas com o busto nu, na mão um tridente, correm de um lado a outro da praia tentando escutar o convite da divindade; quando o ouvem atiram-se ao mar desenfreadamente mas já há pescadores espreitando esse momento, e que vão salvá-las. Elas geralmente voltam meio desmaiadas e em transe. Aqui se encontra certamente a origem da nossa Iemanjá. Também me fala de Pythom, a divindade serpente. No antigo reino de Abomey (Benin) o símbolo do tempo é uma serpente que mordida a cauda; é o tempo circular. E a serpente é considerada divindade por causa dos serviços prestados aos homens. Num determinado momento quando uma família tentava escapar de uma perseguição, evidentemente deixou as pegadas na areia, e a serpente veio para apagá-las e confundir os perseguidores. Nessa região de culto, não se pode matar uma serpente e quando são encontradas mortas fazem-se os funerais, como para uma pessoa sagrada. Desde cedo as crianças são iniciadas a terem intimidades com as serpentes, e ainda de braços já brincam com elas. No grupo Kebiyé cada chefe de família é um sacerdote doméstico, um sacrificador. Para os cultos oficiais vai-se ao grande sacerdote, que faz seu culto em bosques sagrados; ao lado de Lomé existe a famosa floresta sagrada de Bé. Também a caça é um ritual sagrado, que pede uma preparação. E há regras estritas para a caça: por exemplo não se pode matar um animal que está bebendo, pois a água é um elemento vital sagrado, e não se pode introduzir nela a morte. Também um ani-

mal prenhe não pode ser morto. Falo também com outro que é o único cristão da família, e que tem um tio que é um grande sacerdote, tradição que já vem de várias gerações; ele, o monge, era destinado a essa função. Tive a oportunidade de visitar e entrevistar esse sacerdote; o monge foi comigo para servir de intérprete. Antes de chegar na sua residência precisamos fazer um ritual: tirar a camisa, arregaçar as calças até o joelho, e cobri-la com uma fazenda colorida, bem do gênero africano, tirar os sapatos e o relógio, pois nada que é industrializado é permitido de ser usado nesse ambiente de culto. Chegando lá somos recebidos pelo tio, que naquela área tem a função de sacerdote purificador, pois existem outras funções. Seu objetivo é velar pela vida moral do povo; muita gente vem fazer consulta sobre a vida, a saúde; ele conhece muitas ervas medicinais. Ficamos sentados por terra numa esteira o que é um sinal de submissão, e ele sentou-se numa cadeira que é considerada a cadeira dos ancestrais. Quando ele chegou ficamos de joelhos, com a cabeça inclinada, fazendo um gesto de saudação e de oração: o dorso da mão direita bate várias vezes contra a palma da mão esquerda, enquanto ele pronuncia uma oração. Apresentei-me dizendo que era brasileiro, e ele logo começou a falar da escravidão, mostrando que conhecia bem o problema dos seus antepassados. Ele também disse que sua função era semelhante à dos padres, pois devia rezar, comunicar-se com Deus, ouvir os problemas do povo e dar conselhos. Lembrou também uma festa realizada em setembro último, que comemora a vinda do fogo, outrora conservado sempre aceso e que é também uma festa de purificação. Na véspera todas as pessoas, com um tição na mão, depois de ouvir o grito de ordem do sacerdote, purificam a casa dizendo: "Sai doença". Também é de uso fazer abluções no grande lago de Togoville pois o grande sacerdote visitado mora às margens desse lago que é muito importante para a vida do povo. Essa família sempre impediu o tráfico dos escravos, e as jovens filhas iniciadas nos costumes da tribo tinham tatuagens como sinal de consagração; por causa disso mesmo as não iniciadas vinham tomar esse sinal, para ficarem livres da escravidão, pois os mercadores tinham medo dos castigos dos deuses se vendessem uma pessoa consagrada. Existe uma tradição de que "o rei vem sempre de Togoville" e consiste na eleição de um ancião (75 ou 80 anos) que é escolhido para deixar a cidade, a família tudo finalmente e ir habitar na floresta sagrada; ele não pode desistir ou renunciar a essa função. Sua principal tarefa é rezar pelo povo. Antes de partir há uma celebração comovente: ele entoa um canto e o povo responde: "Eu me vou para jamais voltar". A tradição diz que o rei deve morrer, pois como já é muito idoso ele é destinado a terminar seus dias ali na floresta, onde é sepultado. Nessa ocasião vejo a árvore do baobá que é imensa e que compõe bem a paisagem africana. O africano é cheio de provérbios e ditos, que compõem a sua literatura oral; há um sobre o baobá que diz: "A sabedoria é como o baobá: a gente não pode abraçá-lo com as duas mãos".

Converso também com outro irmão que tem dez cicatrizes no rosto, e é exatamente o sinal de uma etnia que pertence ao culto de Pythom a serpente sagrada. Mesmo sendo batizado, a família fez essas tatuagens nos filhos ainda bebês, para lembrar que esse sinal era particularmente utilizado na época da escravidão, para identificar a pessoa e não poder ser vendido; a cicatriz nessa etnia tem também o sentido de liberdade.

Atualmente nesse mosteiro está havendo um curso para jovens monges de outras casas, ainda em formação; é o chamado "studium", e nessa ocasião pude conversar com monges do Zaire, Congo, Tchad (ele me falou sobre os problemas da guerra) e do Camerum. Em todos esses mosteiros, além do de Dzobegan, sente-se vivamente um desejo de responder às necessidades locais e de falar a linguagem do povo, não somente adotando as línguas regionais na liturgia, como assumindo os valores culturais, os gestos, etc.

Visito o mosteiro das monjas, chamado da Assunção, que está a 1 km do mosteiro dos monges; foi fundado há mais ou menos 20 anos atrás e tem também a mesma eflorescência de vocações nativas. Falo para a comunidade, elas fazem muitas perguntas sobre o Brasil, os mosteiros masculinos e femininos e sobretudo por D. Hélder; é incrível, mas em todo lugar que passei, bastava dizer que era do Recife e todo mundo logo perguntava por ele. Quando falava, as monjas riam muito, quase às gargalhadas (talvez fosse por causa do francês mal falado); na reunião só faltava a superiora, pois ela tinha chegado de uma pequena viagem e encontrou um problema no trator e estava tentando consertar (ela dirige o trator e trabalha no campo). Participo da missa com elas, que é bem cantada e acompanhada com instrumentos típicos. Voltando ao mosteiro dos monges, pude conversar com outro irmão africano da família "de Souza"; há muitos membros em Lomé e até um bispo, no Benin, com esse nome de família. E eles têm uma espécie de bibliografia do patriarca (da qual consegui uma cópia) e que se chamava D. Francisco Félix de Souza, nasceu na Bahia em 1754, de origem portuguesa. Ele foi governador militar em Quida, no Benin, onde está sepultado. Até hoje existe um quarteirão que se chama Brasil. Ele tornou-se muito rico sobretudo porque se envolveu com o tráfico de escravos. Depois se desentendeu com um rei africano de Abomé, e terminou na prisão. Mas como era muito astucioso, conseguiu demover o irmão do rei a soltá-lo, prometendo-lhe dar-lhe armas para tomar o poder. Ele é bem sucedido na sua empresa. O novo rei em agradecimento por essa gentileza lhe dá um título de honra, isto é "Chacha", que até hoje o líder da família adota como lembrança dos antepassados.

Participo com os monges de um dia de *picnic*; de vez em quando eles fazem um dia de *relax*, com almoço no campo, cerveja, cantos e há até alguns que dançam (talvez pelo efeito da cerveja). No sábado à noite há uma vigília bem espontânea na igreja, mas fora do coro, todos sentados em esteiras; é a oração do agradecimento. No domingo as vigílias são às 2 da manhã; não posso deixar de dizer que foi muito duro fazer essa experiência. No domingo à noite, assistimos no recreio a um filme de Chaplin e outro sobre uma missa no Camerum, com muita música, gestos e danças; nesse país são feitas muitas experiências litúrgicas.

Tenho a oportunidade de conhecer um padre antropólogo, que estuda exatamente os problemas do sincretismo. Ele vem de uma família que não é cristã, se bem que nos últimos 12 anos sua mãe vá à missa todos os dias, mas até agora não pôde se batizar pois o seu pai é polígamo. Ele me mostra o problema do cristianismo na África, que não tem ainda 100 anos, e na hora decisiva o que pesa mais é a consciência dos ancestrais, isto é, das antigas religiões. Um dos momentos típicos é na hora dos funerais, que são muito importantes para a vida

africana; muitas vezes a pessoa de tradição católica recorre ao padre e também aos ritos tradicionais, pois na mentalidade do povo, é melhor garantir duas vezes". Ela mostra como muitas vezes as reformas e adaptações litúrgicas correspondem a manifestações exteriores, mas que nem sempre atingem a mentalidade e a consciência mítica. Ele próprio participou de experiências que são muito significativas. Por exemplo: há uma cerimônia de jogar água com açúcar no chão, o que corresponde a uma oferenda positiva pelos amigos e parentes, no culto vodu; mas também há outro ritual de jogar bebida alcoólica no chão, exatamente com a intenção de fazer mal aos inimigos. Ele mostrou que não podia participar do segundo gesto, pois o cristão não pode ter inimigos, que somos todos irmãos, etc. Resultado, na segunda vez em que ele estava presente não fora mais convidado a participar, pois ele mudara o ritual e isso representa uma ameaça. Para o africano a religião e o cultural vêm extremamente unidos e é muito difícil separá-los, pois jamais se sabe onde começa um e termina o outro. Outro dado importante é o culto aos ancestrais. Ele participando dessa celebração, começou mencionando os patriarcas bíblicos, Abraão, Moisés, Jacó, etc. depois José, a Virgem Maria e por fim recordou seus parentes já falecidos. Mas a comunidade não aceitou dizendo que só podiam ser nomeados os ancestrais da família. Ele mais uma vez mostrou o sentido de ser irmão de todos, e que ele tinha como parentes todas aquelas figuras bíblicas. Quando uma pessoa idosa morre é motivo de júbilo, pois ele foi chamado a completar seus dias, mas se um jovem morre de acidente, é um problema sério, pois será sempre culpa de alguém, ou consequência de uma influência maléfica. O pai desse padre, por exemplo, chama-se: "Aquele que tem a morte dentro de casa", e isso significa que tem que se proteger constantemente das influências maléficas. Ainda sobre a poligamia, ele me fala que existe uma tradição oral que valoriza a família monogâmica. Diz um provérbio: "A minha única mulher vale mais que as duas que tu tens". Mas na prática existe o contrário, sobretudo porque ter muitos filhos é sinal de bênção e de continuidade da vida e a mulher só se sente plenamente mulher depois do terceiro filho.

O meu ponto de referência no Togo são os Padres Combonianos. Eles foram fundados no século passado pelo bispo Daniel Comboni, em 1870, e é uma congregação criada especialmente para a África, pois era esse o ideal do fundador, que lá morreu ainda jovem. O fundador começou a ordenar nativos africanos quando ainda se discutia se o negro tinha alma. Eles têm o ideal de espalhar a Boa Nova do Cristo despertando os povos para a Verdade da fé, e levando como consequência o desenvolvimento necessário. Normalmente se instalam em missões de onde partem para servir em várias capelanias, mas não querem se instalar nos locais. Desde que surja o clero nativo, eles deixam aquele posto e vão a outro ainda sem evangelização; alguns bispos não entendem essa "provisoriamente", mas certamente isso corresponde a uma intuição muito bela de enraizar a Igreja em cada país. É aquilo que Paulo VI proclamou na visita à África e que João Paulo II assume com entusiasmo: "África, chegou a hora de seres evangelizada pelos teus próprios filhos". Em Kodzoviakopé, onde me hospedei, há três padres; é a casa onde mora o provincial. A província se estende por três países: Togo, Gana e Benin, eles são mais ou menos 35 padres no total e já começam, nessa região, a ter vocações nativas. Em outros países africanos já há vários pa-

dres da terra, inclusive sete bispos dessa congregação. Na missão há uma grande igreja redonda, e ao lado a residência dos padres; hoje essas residências de missão são geralmente de 1ª andar, pois é a maneira de lutar contra o calor. Espantei-me com o horário da missa semanal: às 5,30 da manhã, pois o africano se acorda muito cedo para varrer a casa, o quintal, e no interior é mais cedo ainda. No domingo a primeira missa nessa missão é às 6.00 da manhã; a igreja estava mais do que repleta, todos cantam com um entusiasmo fantástico, a missa é celebrada em Ewe, a língua nativa do sul. Cada 1º domingo do mês há uma coleta especial que funciona da seguinte forma: as pessoas vêm depositar sua moeda de acordo com o dia da semana em que nasceram; a pessoa é chamada pelo dia de nascimento, isto é: Segunda Feira dê tal, Terça-Feira de tal e assim por diante. Pode-se então imaginar o movimento na igreja. Diga-se de passagem que esse rito era executado até pouco tempo atrás com todo mundo dançando, mas o bispo preferiu cancelar a experiência, pensando em amadurecê-la; em outros países há expressões de danças dentro da celebração, como no Camerum, Zaire, Congo e mesmo nos mosteiros beneditinos. A dança é muito importante para eles, é símbolo de festa, expressão de alegria, é louvar o Senhor com todo o seu corpo. Por isso, mesmo com a interdição do bispo, muitas senhoras vinham oferecer seu óbulo dançando, com seus longos e coloridos vestidos. Às vezes as pessoas não têm sandálias, mas o vestido é impecável. No início de outubro, mês das missões e do rosário, a igreja lotou, numa celebração de mais de uma hora e meia, com terço, ladainha, e bênção do Santíssimo; e o interessante é que havia tantos homens e rapazes quanto mulheres, e todos com o terço na mão. Os combonianos têm ao lado da missão uma escola para 1400 alunos; vou assistir à abertura das aulas: todos estão em fila no pátio, cantam, rezam, tudo isso ao som de tambores. Enquanto isso um grupo de alunos, marcados em rodízio, fazem a limpeza das salas, do pátio e dos W.C.; interessante é que as vassouras não têm cabo. Também os alunos do jardim (4 anos) vão também apanhar papel no pátio, depois vem cada um lavar as mãos numa bacia d'água. Também interessante é que duas meninas de mais ou menos 12 anos brigaram antes das aulas, então receberam como castigo ficar de joelhos no pátio, na frente de todo mundo . . . e choravam muito.

Vou a Togoville, a 50 km da capital, cidade à beira de um belíssimo lago, e que deu origem ao nome do país. Lá os combonianos têm uma grande missão e mantêm um santuário dedicado a Maria e chamado Nossa Senhora do Lago; no 1º domingo de novembro é a festa, momento onde vêm peregrinos em abundância. Soube que muitas senhoras não cristãs, ou esposas de sacerdotes, vêm discretamente no dia da festa, sobretudo à noite, para participar das orações cristãs. Lá há um padre de seus 45 anos, que ficou cego, e que é uma pessoa realmente maravilhosa; ele atende muitas confissões, está sempre à disposição do povo, celebra a missa de cor em língua nativa. Há também nessa missão uma casa para abrigar os cegos; há adultos e mesmo crianças, e são mantidos por entidades de cegos da Alemanha e França. Para abrigar os peregrinos, que constantemente vêm ao santuário, a missão oferece dez cabanas com 20 leitos, e cada pessoa traz sua comida ou pode usar uma cozinha comum. Todo mês de agosto vêm jovens da Itália, para conhecerem a realidade da Igreja na África, habitam lá e fazem algum trabalho, como por exemplo: fabricação de tijolos, para serem utiliza-

dos em construção de casas, escolas, etc. Nessa cidade também há um grande colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs, são espanhóis.

De lá vou a Afanyan, onde há um hospital considerado o mais bem aparelhado das missões da África; é mantido pelos padres Verbitas, que lá mantêm noviciado e uma casa de religiosas. É uma verdadeira cidade com inclusive casas para os médicos que vêm da Europa. A paróquia dessa cidade é também mantida pelos combonianos. Quatro km mais adiante habita um padre que há 10 anos começou uma experiência contemplativa. Ele vive só numa choça, como qualquer outro nativo, vive de pequenas plantações: milho, abacaxi, inhame, feijão. É um homem de grande capacidade intelectual, tem livros escritos e pesquisas realizadas; mesmo no seu eremitério mantém esses trabalhos. Ao lado há também uma pequena capela. O ambiente é totalmente descristianizado, mas agora surgiu uma pequena comunidade de catecúmenos, que é preparada por ele. Atualmente ele enfrenta dois problemas: o primeiro é conscientizar o povo de não vender sua terra, porque depois fica sem ter do que viver, e o segundo é o que fazer com os filhos abandonados pela família; acontece da mãe arranjar outro marido e não levar os filhos consigo. Lá também há uma pequena choça para hóspedes, pois de vez em quando alguém quer fazer uma experiência de oração com ele. Já voltando para Lomé passo em Adjido, que era uma cidade muito importante no tempo da escravidão, pois fora fundada por um português, fora feitoria e ponto de embarque dos escravos. O nome vem do português "ajudo", pois o lema desse senhor era: "O Senhor me ajudou".

Posso sentir de perto o que significam as festas de funerais no Togo, pois durante uma noite tivemos grande dificuldade em dormir, pois uma família ao lado da paróquia celebrava a data de morte de um parente e houve festa das 19:00 às 6:00 da manhã; digo, houve música, dança, canto e comida. No outro dia pela manhã todos vieram para a Missa. Também tive a chance de participar da abertura das aulas do novo seminário maior de Lomé. O arcebispo presidiu uma grande celebração, que durou quase 3:00 horas; havia vários padres presentes, até de outras dioceses, também um bispo, os novos seminaristas, e muita gente que cantava animadamente, e também estavam presentes o ministro de educação e um pastor protestante.

Depois do Togo viajo ao Benin. Em ambos os países não existem ônibus, mas somente táxi-lotação (no Benin existem alguns Mercedes "made in Brazil"). A viagem dura quase três horas por causa das formalidades de fronteira, mas também por causa das constantes paradas para revistamento por parte da polícia. Vou a uma cidade chamada Ouida, que foi também feitoria portuguesa; há um museu que funciona num antigo forte, há cruzeiros-de-malta por todo canto e também túmulos de antigos lusos. Essa casa até 1962 serviu de embaixada de Portugal, mas ao partirem, por causa da Independência, conta-se que eles queimaram a residência. Nessa ocasião conheço um senhor da família Paraíso, e que conta que seu bisavô fora escravo no Brasil. Ele fora batizado na igreja do Senhor do Bonfim, na Bahia, em 1858, e adotara por nome cristão José e como o batismo era uma grande graça, ele quis ser chamado de Paraíso. Antes da libertação ele conseguiu sair do Brasil, e foi a Porto Novo, lá ficou rico sobretudo fazendo comércio de escravos (ironia do destino), mas era muito católico e transportou muitos cos-

tumes do seu país para aquela região. Até hoje existe lá uma confraria chamada "Senhor do Bonfim", e na festa em janeiro, as pessoas desfilam com uma faixa verde-amarela escrita em português: "Senhor do Bonfim".

Falo também com o arcebispo auxiliar, que durante dez anos foi diretor do Instituto Católico em Costa do Marfim. Ele diz que as experiências de aculturação na sua diocese são discretas, talvez até tímidas, mas que as fazem com convicção. Fala-me da experiência de adaptação na Sexta-Feira Santa (que falarei mais adiante) e sobretudo das pesquisas com relação à poligamia (grande ponto de conflito com a Igreja). Cada vez mais se descobre, mesmo dentro de uma prática polígama, o valor do 1º casamento. Por exemplo, para se casar, o noivo deve pagar um dote aos pais da noiva; caso se separem e a mulher se case de novo, os pais, quando são honestos, não aceitam receber um 2º dote, pois dizem que a filha já fora casada.

Visito também o grande seminário, que tem cerca de 150 seminaristas. Vou a outra cidade chamada Abomé, que é o lugar das mais ricas tradições africanas, pois lá era a sede de muitos reis. Nessa ocasião celebrava-se o 8º dia da morte da senhora mãe do Arcebispo. E numa ocasião dessas a Igreja aproveita para celebrar os funerais com todos os elementos locais, para servir de catequese para o povo. Sobretudo naquele caso concreto havia muitos elementos a valorizar, pois aquela senhora, com mais de 90 anos, havia se convertido somente há uns 15 anos atrás, e era uma sacerdotisa famosa (uma Mãe de Santo, diríamos nós); para aquela cultura os anciãos têm um peso muito importante, pois representam a sabedoria concreta. Para aquela celebração um teólogo preparou um texto de inspiração bíblica, que foi musicado e cantado por uma pessoa do povo. Nessa ocasião reza-se, canta-se, tocam-se os tambores e também há uma dança expressiva. Quando morre uma pessoa dessa importância, seu sepultamento é feito dentro de casa. Tive também a oportunidade de falar com um teólogo e antropólogo, que mora nessa cidade, e que é diretor do pequeno seminário (85 seminaristas menores) e ele me fala das experiências já começadas, sobretudo da função do teólogo de escutar o povo de Deus, particularmente naquela cultura oral.

A teologia vai ser exatamente o meio articulador e mediador entre os convertidos e a cultura; mostra-me as dificuldades sobretudo com as consequências da colonização, que gerou um inevitável sofrimento, e que a grande tentação agora é rejeitar tudo que possa parecer estrangeiro. Claro que a valorização das coisas locais é mais do que urgente. Ele fala no perigo de uma "teologia do ressentimento", enquanto que a teologia da África deve ser sobretudo uma teologia da ação de graças, eucarística, de multiplicar o dom.

Como para o vodu, rito mais difundido, o amor dos ancestrais é algo de central, eles começaram uma experiência importante e muito rica, que é exatamente uma experiência de africanizar a Sexta-Feira Santa. É aproveitar a idéia do ancestral-família para ir à memória do Cristo morto, que deu a sua vida por amor. É somente falando a linguagem do povo, e usando os seus símbolos, que se pode atingir a sua consciência mítica, porque do contrário haverá uma mudança somente da roupagem externa. E é interessante notar a exclamação de uma pessoa do povo, depois de participar de uma dessas celebrações: "Agora sei que Jesus é um dos nossos".

Em ambos os países pude conhecer famílias locais, as quais visitei, troquei idéias, podendo assim conhecer a maneira de viver, as preocupações, etc.

Chegando ao fim da viagem, não posso deixar de afirmar a importância de conhecer as áreas de missão para sentir-se em missão. Também não se pode ter a pretensão de dizer que se conhece o trabalho dos missionários a partir de uma pequena visita, quando há aqueles que lá trabalham há 10, 20, 30 anos, quando fizeram um esforço para aprenderem a língua nativa, usada na missa, na confissão e na catequese. Muitos missionários estimulam a cultura local através de pesquisas, elaboração de gramática, dicionário, etc. Interessante é também saber que os trabalhos de mestrado e doutorado na Europa, dos padres nativos e dos estrangeiros que lá vivem, são sempre sobre tema africano, vivenciado a partir de longo tempo de experiência. Há também trabalhos relativos à medicina popular, sobre os cantos e orações, gravados e retirados das grandes tradições orais. Porém, mesmo sendo uma pequena experiência, digo que é indispensável para conhecer o Brasil conhecer simultaneamente a África. Em Paris ouvi de uma pessoa que visitou ambos os países, que o nosso povo sofreu mais a influência do africano, do que mesmo do português.

Evidentemente que o problema do sincretismo religioso é um desafio para a Igreja que está na África e para a que está no Brasil. Em toda parte procura-se não repetir os erros da antiga catequese. Porém o desafio permanece: como anunciar a novidade do Evangelho, respeitando a cultura de cada povo, refletindo a encarnação de Cristo em todos os tempos e lugares?
